

## Psicopolítica: Poder, Neoliberalismo, Tecnologia, Subjetivação

*Psychopolitics: Power, Neoliberalism, Technology, Subjectivation*

**Jackson da Silva Medeiros**

Doutor em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.  
Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

E-mail: [jackson.medeiros@ufrgs.br](mailto:jackson.medeiros@ufrgs.br)

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Belo Horizonte: Âyiné, 2018. ISBN 978-859-264-939-5.

Byung-Chul Han (1959-) é um filósofo sul-coreano radicado na Alemanha, onde pesquisa e ministra aulas sobre filosofia e estudos culturais na Universität der Künste Berlin. Tem trabalhos publicados em diversas línguas, com temas que tratam sobre globalização, hipercultura, consumo digital e relações da tecnologia com sujeitos. No Brasil já publicou obras como *Sociedade do cansaço* (2015), *Sociedade da transparência* (2017) e *No enxame: perspectivas do digital* (2018), entre outras. *Psicopolítica: O Neoliberalismo e as Novas Técnicas de Poder*, publicada pela editora Âyiné, é uma das mais recentes traduções feitas para o português brasileiro (2018).

O livro parte da ideia que a liberdade permite que nos concebamos como um “projeto livre”. No entanto, rapidamente Han argumenta que é exatamente essa sensação de liberdade uma das formas mais eficientes de subjetivação e de sujeição, devido ao poder instaurado pelo neoliberalismo que obriga disputas internas e necessidade de desempenho, podendo ser pensado como uma crise da liberdade. Assim, o questionamento de Han se refere a real liberdade (ou falta dela). Não seríamos sujeitos encerrados em nós mesmos a partir de incontáveis possibilidades de conexão e informação?

Neste mundo conectado, com grandes redes e serviços que ligam pessoas, a sociedade digital de controle é construída pela participação intensa dos sujeitos, aproveitando-se da liberdade destes, os quais têm uma necessidade de transparência que não limita a comunicação; pelo contrário, incentiva-a. Temos obrigação de comunicar! Canais não faltam. Aliás, proliferam-se. E há uma audiência sedenta a ser abastecida de dados e de informação.

Para comunicarmo-nos, fornecemos informações e somos alimentados pela análise estatística dessas informações. Com isso, obviamente, mais informação é gerada, haja vista que este é um bem que, ao ser consumido, mostra tendência a aumentar sua potência e comunicação.

Esse fenômeno é controlado por uma psicopolítica neoliberal que, de acordo com Han, não é mais um poder disciplinar, de opressão, que age na coação, de forma obtusa sobre o corpo, mas é um poder inteligente, sedutor, prazeroso que explora o sujeito que se torna submetido a si mesmo e ao seu desempenho. Esse poder de exploração, advém de um controle que age na psique a partir de uma lógica de mercado que atua subjetivando.

Tendo o desempenho otimizado e incentivado, a psicopolítica não precisa de coerções físicas ou cerceamentos, uma vez que o sujeito empreende a auto-cobrança, coagido por emoções que são o impulso para a ação. A psicopolítica neoliberal quer o fluxo contínuo da comunicação, a instabilidade da emoção, não permitindo a reflexão, o racionalismo.

As formas de comunicação, as plataformas digitais, alicerçadas em algoritmos poderosos, aproveitam-se do desenvolvimento tecnológico que possibilita o registro total da vida, onde a memória não é apagada nem depende de relações que vão sendo reestabelecidas com o passar do tempo. *Big data*, tecnologia que coleta ações digitais, como cliques e interações, permite espiar as ações humanas e promover padrões coletivos de comportamento, criando sujeitos prisioneiros de dispositivos que definem classes de consumidores que podem excluir os não desejados ou não escolhidos para o consumo.

Assumindo que a construção do ser humano extrapola qualquer cálculo ou previsão, a libertação dessa programação e controle psicológico pode ser dada através de uma consciência herética que foge do consenso, capaz de uma espécie de profanação, isto é, negar a programação vigilante que é imposta. Criamos assim um desvio das doenças, das dores causadas por esse modo.

Em formato de ensaio, e com estilo direto e com capítulos curtos, *Psicopolítica* é uma obra fina tanto em seu caráter editorial quanto na construção e progressão de ideias. Partindo de um empreendimento claro, Byung-Chul Han nos mostra que a programação a que estamos sujeitos hoje em dia, suportada pelas tecnologias digitais de comunicação, advém de um mercado neoliberal que otimiza sujeitos que são fomentados ao desempenho, causando doenças (mentais e físicas) que devem ser suprimidas em favor da competição.

A análise crítica de Han permite pensar, com base em uma teoria sólida, os efeitos das redes digitais de comunicação e da nossa interação com elas, colocando a discussão também sobre a ponderação em quais dados devem estar disponíveis, como eles são tratados, sabendo que perdemos o controle sobre sua “propriedade” ao despejá-los na rede. O fornecimento de dados cria uma retroalimentação constante, via um terreno sem barreiras onde o próprio sujeito impõe sua sujeição.

O livro apresenta tema oportuno para diversas áreas, mostrando caminhos que podem ser tomados para análise de questões políticas, sociais, econômicas, culturais, morais etc., enfatizando a posição de importância do pensar, da reflexão sobre as atividades tecnológicas, principalmente no âmbito da interação e comunicação digital que é fomentada pela psicopolítica neoliberal.

Resenha enviada em: 03 set. 2018.